

## PREFÁCIO

**A** vida apresenta-se na forma de infinitas possibilidades, experiências e caminhos. É um oceano infindável de puro potencial à espera de ser actualizado, tornado manifesto. Aquilo que agora é invisível e inacessível cognitivamente, poderá, um dia, num dos infinitos possíveis futuros, revelar-se e tornar-se visível. Este contínuo experiencial onde interagimos, a que podemos chamar de campo experiencial colectivo, é o lugar onde o que é invisível ou oculto deixa de o ser, onde o que está na forma potencial, não-manifesta e indiferenciada, se actualiza, se manifesta, se diferencia e torna visível e vivido, eventualmente.

Todos nós somos instrumentos de transformação pois transformamos o não-manifesto no manifesto. Cada decisão que tomamos dá forma às nossas vidas e aquilo que foi decidido acabará por se manifestar, de uma maneira ou de outra. Neste sentido, somos também manifestadores, e criar poderá ser, precisamente, o acto de trazer à manifestação o que estava não-manifestado.

O livro que agora segura, intitulado *O Despertar de Kalki — O Cavaleiro do Quinto Império*, escrito pelo meu querido amigo e companheiro de caminho Rui Bizarro, está criado, ou seja, nasceu, foi manifestado, e agora pertence ao nosso campo experiencial colectivo. Assim como damos as boas vindas a um recém-nascido, desejando-lhe sentidamente tudo o que de melhor a vida tem, da mesma forma, que possamos juntos desejar a este livro recém-nascido tudo o que de melhor a vida tem — e



para um livro, talvez isso seja, essencialmente, encontrar o leitor, ser lido, ser compreendido e ser uma inspiração, ou um gatilho, ou, até mesmo, tornar-se um agente de mudança para melhor na vida do leitor.

Os livros são como as pessoas, há-os de todos os tipos e feitios, e são tantos que é impossível saber exactamente e ao certo quantos existem. Por vezes são ininteligíveis, uns são capazes de causar o bem, outros o mal, uns são acessíveis, outros raros e de edição limitada, uns são amados e idolatrados, outros odiados e repudiados. Apesar da incerteza sobre o carácter do livro, temos a certeza de que muitos livros — tal como muitas pessoas — são companheiros genuínos, benéficos e portadores de muita sabedoria. O *O Despertar de Kalki* é certamente assim.

Genuíno porque conta a jornada espiritual de um sincero buscador da Verdade, alguém que procura respostas para as perguntas existenciais da vida — “quem sou eu?”, “qual o propósito da vida?”, “o que é a realidade?”, “o que é a consciência?”, e que também procura melhorar-se como ser humano. Sendo a procura pela Verdade um tema omnipresente nesta narrativa veloz e entusiasmante, tanto a jornada interna de crescimento espiritual dos vários personagens, bem como os seus vários desafios emocionais são apresentados em diálogos vivos, autênticos e de tempero poético, que definitivamente nos prendem à leitura.

Benéfico porque outro dos temas centrais do livro é o despertar espiritual, a que no Advaita Vedānta, a tradição de autoconhecimento a que pertencemos, chamamos *mokṣa*, libertação do sofrimento. Os vários cenários centrais onde a história se desenrola são lugares reais, certamente conhecidos pelo leitor, que muitas pessoas procuram e para onde efectivamente vão com o objectivo de despertarem espiritualmente. Saber da existência de tais lugares e dos eventos históricos neles ocorridos é benéfico do ponto de vista espiritual, porque nos inspira a continuar a jornada espiritual com mais determinação e confiança. Esta obra é benéfica também porque menciona várias e diferentes abordagens ao caminho espiritual, válidas e eficazes nas suas respectivas áreas, umas mais antigas e tradicionais e outras mais



## PRÓLOGO

**A** consciência humana parece ter entrado num momento de profunda desorientação. Em diferentes partes do mundo, um número crescente de pessoas vive uma absoluta inquietação, uma sensação difusa de que algo essencial na forma como pensamos, vivemos e organizamos a realidade colectiva se aproxima de um limite. O ritmo da vida acelera, as crises tornam-se mais frequentes e as narrativas que durante séculos sustentaram a estabilidade cultural começam lentamente a perder a sua força. Estruturas políticas, económicas e sociais mostram sinais de fragilidade, algumas começam mesmo a colapsar, enquanto ao mesmo tempo cresce, de forma quase silenciosa, uma procura por novas formas de compreender a consciência, a vida e o lugar do ser humano no mundo.

Quando um sistema complexo se aproxima dos limites da sua própria organização, surgem inevitavelmente períodos de tensão e reorganização. As estruturas existentes tendem a reforçar-se, procuram preservar as suas certezas e manter o modelo que lhes deu origem. Contudo, ao mesmo tempo, começam a emergir novas formas de organização a partir do interior do próprio sistema. Na linguagem da teoria da complexidade, estes momentos são conhecidos como transições de fase, períodos em que um padrão dominante deixa de conseguir sustentar a dinâmica do conjunto e outro começa gradualmente a formar-se. Durante esses intervalos, o sistema parece atravessar um estado



de instabilidade, mas é precisamente nessa instabilidade que surgem as condições para uma reorganização mais profunda. Vivemos indubitavelmente, uma mudança paradigmática, em termos científicos, sociais e globais.

Este movimento não ocorre apenas no plano social ou histórico, sendo transversal também à própria consciência humana. Manifesta-se uma crise cultural, mas simultaneamente como transformação interior, desorientação colectiva, caos, mas também como intensificação das nossas vidas, em termos psicológicos e até mesmo espiritualmente. Muitas pessoas sentem hoje uma necessidade de questionar as estruturas herdadas à séculos, de investigar a natureza da consciência e de procurar uma relação mais directa com a realidade, para além das narrativas que durante séculos moldaram a forma como o mundo foi compreendido.

Curiosamente, esta intuição não é nova. Ela acontece ciclicamente. Em diferentes tradições antigas encontramos descrições de períodos semelhantes, momentos em que a humanidade atravessa fases de grande transformação da consciência. Na cosmologia hindu, por exemplo, o tempo é concebido como uma sucessão de ciclos chamados *yugas*, cada um marcado por diferentes níveis de equilíbrio entre ordem e desordem. A última dessas fases, conhecida como *kali yuga*, é descrita como um período em que a consciência humana se torna cada vez mais fragmentada, dominada por padrões cada vez mais afastados da experiência directa da realidade.

Segundo esses mesmos textos, quando o *kali yuga* se aproxima do seu ponto de saturação, pode surgir a figura de Kalki, o último avatar de Vishnu. Durante séculos, essa imagem foi interpretada de forma literal, como um cavaleiro que apareceria no mundo para restaurar a ordem e inaugurar um novo ciclo da história. No entanto, à medida que o ser humano se expande e diferentes tradições começam a dialogar entre si, torna-se possível considerar outra interpretação, outra perspectiva.

Kalki pode ser entendido não apenas como uma figura exterior, mas como um movimento profundo dentro da própria



## CAPÍTULO I

# A QUINTA DE TOMAR

O silêncio da madrugada em Tomar tinha uma espessura própria, quase táctil, uma presença discreta, uma consciência a respirar por detrás das colinas, quase como se a própria terra tivesse capacidade de observar.

Na Quinta, o centro de retiros ainda dormia. As luzes estavam apagadas, excepto no dome geodésico verde, uma estrutura em forma de cúpula composta por padrões geométricos de triângulos interligados, inspirados nas leis fundamentais da natureza e nas formas que se repetem no universo, como cristais, moléculas e até campos energéticos, reflectindo uma harmonia entre matemática, espaço e consciência. Os domes foram criados por Buckminster Fuller, por ter uma arquitectura leve, resistente e altamente eficiente, capaz de cobrir grandes espaços com o mínimo de material. No chão de madeira do dome da Quinta, vinte pessoas repousavam, cobertas por mantas. Tinham vindo de vários países para aquela imersão de três dias com práticas que as levariam a aceder a estados ampliados de consciência. A respiração conectada da noite anterior fora bem intensa, carregada de emoções profundas, memórias e visões arquetípicas.

Miguel era psicólogo e dedicava a sua vida ao estudo da consciência e à facilitação de retiros, nomeadamente de estados ampliados de consciência. Para além da psicologia, nutria desde criança uma profunda paixão por cavalos, em particular pelos cavalos lusitanos, cuja elegância, sensibilidade e nobreza sempre



## CAPÍTULO 4

# O DODECAEDRO

O cavalo de luz permaneceu imóvel durante alguns segundos, ou talvez minutos. O tempo arrastou-se, como se os segundos se distendessem num silêncio prolongado, quase elástico. Ele não respirava, nem ninguém respirava. Era como se tudo estivesse suspenso num intervalo entre mundos.

Então... sem aviso, a figura começou a desfazer-se.

Primeiro em partículas luminosas a desprenderem-se do corpo etéreo, elevando-se em espirais lentas. Depois em vapor que regressa ao ar. E finalmente num eco, uma imagem persistente na retina dos olhos e da alma.

E quando o último fragmento de luz se dissolveu...

...a coluna desapareceu.

Tudo ficou novamente em silêncio.

Demasiado silencioso.

Ele deu um passo à frente, quase por impulso, incapaz de aceitar que aquilo tivesse terminado assim. Mas foi então que viu algo no chão, exactamente onde a luz se erguera momentos antes.

Um objecto pequeno negro. De forma perfeitamente geométrica.

Ajoelhou-se junto dele.

O grupo manteve distância, entre fascínio e medo.



## CAPÍTULO 8

# OS ARQUIVOS DA CHAROLA

A viagem de volta a Tomar foi feita em silêncio, quase como uma peregrinação. Nem o inglês, que até então falava compulsivamente sempre que o medo apertava, conseguia articular uma frase completa. A agente do SIS tinha ficado em Lisboa, mas deixara um olhar que dizia tudo:

“Vocês sabem mais do que nós. E nós sabemos que vocês sabem.”

A estrada para Tomar parecia mais estreita do que antes, como se o mundo estivesse a contrair-se para um único ponto. E esse ponto era a cidade templária. A cidade que guardava segredos que nunca tinham sido revelados.

Quando chegaram à Quinta, Eza estava à porta. E não estava sozinha.

Ao lado dela, pousado numa mesa improvisada, havia um monte de livros antigos, manuscritos, cadernos, cópias de textos esotéricos. Alguns em latim, outros em alemão arcaico. E um conjunto de folhas soltas, com bordas queimadas, que pareciam ter sido arrancadas de um livro muito, muito antigo.

Ela sorriu, mas era um sorriso estranho, tenso.

— Estive na Charola.

Miguel sentiu o coração falhar um batimento.

— Sem me dizeres?

